

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

ANETAIS CANDIDO MOTTA

**ADOLESCÊNCIA, ARTE E IMAGINAÇÃO: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES
SOBRE AS AULAS DE ARTES?**

CRICIÚMA

2013

ANETAIS CANDIDO MOTTA

**ADOLESCÊNCIA, ARTE E IMAGINAÇÃO: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES
SOBRE AS AULAS DE ARTES?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Aurélia Regina de Souza Honorato

CRICIÚMA

2013

ANETAIS CANDIDO MOTTA

**ADOLESCÊNCIA, ARTE E IMAGINAÇÃO: O QUE DIZEM OS ADOLESCENTES
SOBRE AS AULAS DE ARTES?**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de licenciada no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 25 de novembro de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Aurélio Regina de Souza Honorato – Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Aline Selinger Machinski - Especialista - (UNESC)

Prof. Lilian Rosane Philippi - Especialista - (UNESC)

**Dedico essa pesquisa para aquele que
traduz o que é o amor, meu Deus.**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, por ter me guiado, me cuidado, e zelado por cada passo até aqui. Sei que se não fosse por seu amor e amparo eu não teria ao menos começado essa caminhada. Obrigada meu Deus, por ter me dado forças quando eu já pensava não ter mais de onde tirá-las. Obrigada por esse amor tão grande que tens por mim.

Em segundo lugar gostaria de agradecer aos meus pais, por terem me dado a vida, e me ensinado a nunca desistir. Obrigado mesmo! Amo vocês apesar de todos os tropeços, erros e acertos. Vocês são muito importantes.

Também gostaria de agradecer ao meu padrasto Cesar, que sempre esteve presente nessa trajetória e muitas vezes me apoiou. Obrigada, você é muito especial.

Dedico também essa conquista a minha avó Delícia, e a minha tia avó Otávia, que tanto me incentivaram com palavras de afeto e coragem, gestos de amor e compreensão. Vocês são duas grandes mulheres, e eu tenho muito orgulho das duas. Amo vocês.

Aos meus irmãos Cesar Junior e Gabriel, e minha irmã Silmara. Vocês são e sempre serão a melhor parte de mim. Amo vocês eternamente.

À minha prima e madrinha Cida que tanto amo, e seu esposo Filipe. Serei eternamente grata por seu amparo e afeto, muito obrigada.

Às minhas melhores amigas Rosana e Vanessa, sem vocês nada disso faria sentido. Muito obrigada por essa amizade tão valiosa, eu sempre carregarei vocês comigo para onde quer que eu vá, do lado esquerdo do peito, dentro do coração.

Às minhas amigas, companheiras de faculdade e confidentes: Fernanda, Sílvia, Tamires, e Eduarda. Obrigada por cada momento ao lado de vocês, cada sorriso, cada desabafo, cada lágrima. Vocês se tornaram essenciais em minha vida, amo vocês.

À minha sempre amiga Pauline. Obrigada por tudo, você apareceu em minha vida para dar mais cor e alegria a ela, te amo.

Aos meus amigos Jhonatan e Nathan que tanto amo, e confio. Obrigada por fazerem parte da minha vida.

À minha conselheira Regina, obrigada por sempre levantar minha

autoestima e me contagiar com sua alegria. Você faz parte dessa conquista também.

À minha amiga Gabriela, que sempre foi tão carinhosa e atenciosa comigo, obrigada por ter me proporcionado lindos momentos ao seu lado, amo você.

À “Pri” que desde que apareceu em minha vida, me ajuda e torce por mim. Obrigada, jamais esquecerei o que fizeste por mim.

Aos meus queridos professores Aurélia e Marcelo que tanto gosto e admiro. Vocês são exemplos, e levarei comigo um pouquinho de cada um nessa jornada que apenas está começando.

À minha amiga Aleksandra, que nos últimos tempos me deu forças para continuar, usando suas palavras de motivação e carinho. Agradeço a Deus por ter colocado você em minha vida.

À Jéssica e a Mônica companheiras de trabalho, que de uma forma ou de outra contribuíram para que isso acontecesse. Obrigada pelas boas risadas que damos todos os dias, vocês são especiais.

Também dedico essa pesquisa aos meus doces e pequenos alunos, que por vezes conseguiram arrancar-me sorrisos mesmo em meio a tanta confusão e correria. Vocês são estrelinhas que iluminam minha vida. Amo a cada um de uma maneira especial.

Agradeço também, ao meu querido Matheus. Que por vezes me fez criar coragem me ajudou e tranquilizou durante todos esses anos. Serei grata, e guardarei suas melhores lembranças pra sempre.

Enfim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que esse sonho se realizasse. A vocês meu muito obrigada, cheio de amor e de sonhos!

**“A imaginação é mais importante
que o conhecimento.”**

Albert Einstein.

RESUMO

A seguinte pesquisa que tem como problema central o que dizem os alunos do ensino médio do município de Içara sobre as aulas de artes e a imaginação? A pesquisa foi realizada com adolescentes do ensino médio da rede estadual de ensino da cidade de Içara – SC. Para tanto, foram realizadas entrevistas informais, e a partir delas foram analisadas as falas dos adolescentes que giraram em torno das aulas de artes, imaginação e seus pontos de vista a respeito desses assuntos. Para fundamentar este estudo dialogo com teóricos que versam sobre arte, imaginação e ensino da arte. Consegui perceber nessa trajetória, de conversas, pesquisas, e estudos, que o problema não está no professor ou no aluno, e sim no modo que muitas aulas são conduzidas. Muitas vezes exigimos tanto o lado teórico, a técnica, e esquecemos que tudo o que o aluno quer e precisa, é criar.

Palavras-chave: Aulas de artes. Ensino médio. Imaginação. Adolescência.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OCEM	Orientações Curriculares Para o Ensino Médio
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 O ENSINO DA ARTE HOJE	14
3 O ADOLESCENTE E A IMAGINAÇÃO	17
4 O PROFESSOR DE ARTE E SUA FORMAÇÃO	20
4.1 O PROFESSOR DE ARTE E O ENSINO MÉDIO	22
4.2 FORMAÇÃO CONTINUADA	23
5 METODOLOGIA	26
6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	27
6.1 WALTER, UM DANÇARINO SONHADOR.....	28
6.2 OUTROS SONHADORES.....	31
6.3 PROPOSTA DE CURSO.....	37
6.3.1 Título: Dando asas à imaginação.....	38
6.3.1.1 Justificativa.....	38
6.3.1.2 Objetivo geral	39
6.3.1.3 Objetivos específicos.....	39
6.3.1.4 Carga horária.....	39
6.3.1.5 Público alvo	39
6.3.1.6 Metodologia.....	39
7 IMAGINANDO, EU SONHADORA: CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE(S).....	43
APENDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA O USO DAS FALAS DOS ALUNOS.....	44

1 INTRODUÇÃO

Tudo começa quando uma simples pergunta surge no decorrer de uma vida: “- O que você quer ser quando crescer?” Eu nunca soube responder, porque eu sempre adorei ser criança. Eu sempre adorei me perder no meio dos contos de fadas, e dentro das minhas casinhas de bonecas. Crescer me parecia algo muito distante, e como em um passe de mágicas o tempo passou, e mais uma vez eu fui surpreendida com a mesma pergunta, só que agora vinha de dentro de mim mesma. Eu havia crescido, precisava escolher um caminho a seguir, porém eu não queria deixar de ser criança, não pra sempre, e como diria Clarice Lispector (2004, p. 25):

O que eu quero contar é tão delicado quanto à própria vida. E eu queria poder usar a delicadeza que também tenho em mim, ao lado da grossura de camponesa que é o que me salva. Quando criança, e depois de adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em aprender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe do precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo, aliás, atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.

Quando me deparei com a maturidade, e as tantas responsabilidades que nela estavam por vir decidi, que por mais bruta que fosse a realidade, eu carregaria comigo o meu lado criança como refúgio, como uma janela pra respirar ar fresco quando o mundo sufocasse. Assim o fiz, cresci, e escolhi o que queria ser, pensei: preciso fazer algo que me permita sonhar acordada, não me prenda a pilhas de documentos e números, porque nunca fui boa em matemática. Porém, sempre fui boa com as palavras, e sempre ficava pintando os móveis antigos, fazendo rabiscos de desenhos, dançando e inventando histórias. Só que por um instante eu quase me perdi no caminho. Como eu era boa com as palavras, e ler sempre foi uma paixão, resolvi então fazer vestibular para Direito. Quando me deparei com a escolha que tinha feito, fui questionada pelo meu interior novamente: “- É isso mesmo que eu quero?”. Foi aí que uma segunda pessoa entrou em cena. Uma prima e madrinha, muito querida me fez refletir dizendo exatamente assim: “- Você tem que fazer algo que tenha teatro ou dança você é muito criativa, não deveria desperdiçar tudo isso!”.

Como um choque, aquilo entrou diretamente por meus ouvidos, e atingiu o coração. Eu queria exatamente aquilo. Quando me dei conta estava matriculada em Artes Visuais, e seria professora. Quanta responsabilidade! Educar, ensinar,

contribuir para a formação de pessoas, e quem sabe contribuir para que elas também não deixem de lado o que eu sempre achei primordial: a doçura de ser criança.

A vida adulta nos traz responsabilidades maiores, e visões um pouco diferentes do que estamos acostumados quando crianças, porém, trazemos conosco tudo o que imaginamos tudo o que vivenciamos e tudo o que sonhamos quando pequenos. De alguma forma isso acaba pesando em nossas escolhas, formas de pensar e de viver.

Sempre fui uma tímida muito ousada. Lembro-me de quando há muitos anos fui passar férias numa grande fazenda. Ia-se de trem até uma pequeníssima estação deserta. Onde se telefonava para a fazenda que ficava a meia hora dali, num caminho perigosíssimo, rude e tosco, de terra batida e estreito, aberto à beira constante de precipícios. Telefonei para a fazenda e eles me perguntaram se queria carro ou cavalo. Eu disse logo cavalo. E nunca tinha montado na vida. (LISPECTOR, 2004. p. 24).

Assim como Clarice, eu também não sabia “cavalgar” e nem imaginava como seria, mas resolvi pegar meu cavalo e sair cavalgando. Mas como criança que ainda sou, não queria cavalgar como todos aqueles que já cavalgam por aí, queria ser uma professora diferente e (e ainda quero) mostrar que as coisas podem sim ser bonitas, quando simplesmente escolhemos fazê-las da melhor forma possível.

Não gosto das pessoas que se gabam de trabalhar penosamente. Se o seu trabalho fosse assim tão penoso mais valia que fizessem outra coisa. A satisfação que o nosso trabalho nos proporciona é sinal de que soubemos escolhê-lo. (LISPECTOR, 2004. p. 79).

Após ter o contato direto com professores e alunos durante os estágios obrigatórios requeridos pelo curso, consegui identificar diferentes características profissionais de professores de artes que estão dentro das escolas. Existem aqueles que se preocupam exclusivamente em fazer com que o aluno entregue seus “trabalhos” para terem suas notas nos diários; existem outros que se esforçam para tentar acompanhar o ritmo acelerado em que essa geração se encontra, porém são poucos, infelizmente.

Existem aqueles que não cedem espaço imagético para que o aluno sinta-se à vontade dentro das aulas para criar, inventar e imaginar. O que me deixou mais frustrada com certeza, foi esse tipo de professor. Não pensando em criticar a postura deste tipo de professor, mas sim com ideia de pensar e refletir sobre tal

postura e suas consequências nas aulas de artes. Assim surgiu meu problema de pesquisa: **O que dizem os alunos do ensino médio do município de Içara sobre as aulas de artes e a imaginação?**

A imaginação é tão importante na infância quanto na adolescência, na juventude e até mesmo na velhice. É a partir da nossa imaginação que conseguimos criar, desenvolver e inventar coisas no nosso dia-a-dia, escola, trabalho, família. A arte está inteiramente ligada à criatividade e a imaginação. É preciso imaginar para criar, é preciso dar a oportunidade para que essa imaginação frua.

O professor e as aulas de Artes mais do que as outras disciplinas e os outros professores devem estabelecer essa ponte entre o imaginário e a realidade do adolescente dentro da escola, proporcionando ao aluno a oportunidade de dar asas à imaginação para então poder dar conta das tantas outras especificidades que a adolescência traz consigo. É dentro das aulas de Artes que o aluno tem oportunidade de sentir-se a vontade para poder de alguma forma expressar-se, e porque muitas vezes isso não acontece?

Trago algumas interrogações que me norteiam nesta pesquisa tais como: De que forma as aulas de Artes podem motivar a imaginação e criatividade do aluno no Ensino Médio? Porque na concepção de muitos alunos do Ensino Médio as aulas de Artes não são tão interessantes? Porque muitos professores não buscam atualizar-se e nem ter uma formação continuada?

A partir dessas perguntas e também de meu problema tracei como objetivo geral nessa pesquisa: investigar na fala dos alunos do Ensino Médio como percebem as suas aulas de Artes e a relação desta com a imaginação.

A coleta de dados foi realizada a partir de conversas com alunos do ensino médio, a maioria deles da mesma escola onde realizei meu último estágio obrigatório requerido pelo curso, onde fui motivada a aprofundar-me no assunto adolescente/aula de artes/imaginação.

2 O ENSINO DA ARTE HOJE

Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa. (LISPECTOR, 2004. p. 53).

A arte é a “porta” que se abre para que o aluno possa conhecer novas possibilidades e novas dimensões no seu cotidiano. Nesse capítulo falaremos especificadamente do ensino de Arte no Ensino Médio.

O ensino da Arte tem como objetivo fazer com que o aluno aprofunde seus conhecimentos adquiridos em sua caminhada escolar. Segundo a LDB 9.394/96, artigo 35º, “O ensino médio, etapa final da educação básica, [...] terá como finalidades: I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos.” É no ensino médio que o aluno deve e precisa ter o contato com as mais diferenciadas técnicas e formas de aprendizagem dentro das Artes para que possa ser instigado, estimulado, e provocado a criar e imaginar. Segundo o PCN (BRASIL, p. 179):

É papel do ensino médio levar os alunos a aperfeiçoarem seus conhecimentos, inclusive os estéticos, desenvolvidos nas etapas anteriores. Por isso, é importante frisar o valor da continuidade da aprendizagem em arte nessa etapa final da escolaridade básica, para que adolescentes jovens e adultos possam apropriar-se, cada vez mais, de saberes relativos à produção artística e à apreciação estética. Com a vivência em arte e a extensão dos conhecimentos na disciplina, os estudantes terão condições de prosseguir interessados em arte após a conclusão de sua formação escolar básica.

O ensino da arte está ligado ao desenvolvimento cultural do sujeito, por isso é tão importante esse contato com a arte dentro da escola. O professor de Artes é a ponte para que essa ligação se concretize e se estabeleça na escola de forma significativa. Desta forma é importante, proporcionar aos alunos os múltiplos contatos com as linguagens artísticas, sendo elas a música, o teatro, a dança, a pintura e tantas outras possibilidades que venham instigar, motivar e convidá-los a mergulhar nesse vasto mundo fantasioso e imagético que é o das artes.

É comum perceber nas escolas que as aulas de Artes ainda são consideradas por muitos alunos, de diferentes níveis de ensino, como somente momentos de lazer e relaxamento, e não como uma disciplina que pode e deve contribuir na formação e no desenvolvimento cultural do sujeito. Tatit e Silva (2004,

p. 22) afirmam que “A arte sempre influenciou diretamente a formação dos povos. Em qualquer época, sociedade ou civilização, sempre foi uma fonte de conhecimento, de transcendência espiritual. ” Não que o momento da aula de Artes não traga essa sensação para quem está inserido nela, mas precisamos entender que as aulas proporcionam muito mais do que esse bem estar, esse é o momento de deixar que os devaneios guardados em nossas mentes sejam libertados. Este pensamento precisa ser revisto e refletido por nós professores, futuros professores de Artes e pela comunidade escolar em geral.

A arte está dentro das escolas para contribuir na formação de sujeitos críticos, reflexivos e sensíveis. Segundo Pereira:

A arte cria sentidos para ler o cotidiano, apresenta maneiras de superar o comum e aprofundar-se nas ideias sobre o convívio social. Ela é uma possibilidade de criar sentidos ao já posto, de transcender a realidade, abrindo frestas para a imaginação criadora. (PEREIRA, Katia, 2007, p.8).

O ensino da arte abre portas e rompe barreiras, faz com que o aluno crie seus próprios conceitos. A arte possibilita ainda uma nova forma de pensar e de se expressar, deixando que o aluno imagine, crie e reinvente novos horizontes.

Vigotski (2009, p. 14) afirma que “Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível à criação artística, a científica e a técnica. ”

Deixar que o aluno crie, se expresse, invente, e reinvente, é uma forma de dar liberdade para que essa imaginação seja usada a favor de uma aula mais ousada e significativa. Elas têm como objetivo principal, fazer com que o aluno tenha o contato com as tantas possibilidades que o ensino da Arte oferece e possa descobrir gostos e aptidões pela Arte.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas (BRASIL, 2001, p.19).

Sendo assim, fica claro que a educação em Arte dentro da sala de aula não é importante apenas para o momento em que o aluno está frente a frente com sua própria criação, o momento em que ele está dentro das quatro paredes que

formam uma sala de aula. A disciplina de Artes é muito mais ampla e percorre todos os âmbitos da vida dentro e fora da escola. O que acontece é que o aluno dentro de suas atividades, dentro do momento de apreciação e interação, começa a exercitar e moldar seu pensamento, sua criatividade e principalmente imaginação.

O ensino de Arte no Ensino Médio trás consigo algumas particularidades que estão catalogadas e registradas em documentos, que oferecem ao professor e a escola uma direção de como e porque é preciso trabalhar com algumas especificidades com o adolescente no ensino médio. Segundo o OCEM, que é um desses principais documentos:

Valoriza-se, assim, o repertório do aluno, especialmente dos jovens em contato com as mídias, priorizando a análise dos ritos subjacentes ao modo de vestir, falar, aos gestos de cumprimento e às preferências esportivas. A identificação com o *hip-hop* pode ser dada como exemplo desses ritos na esfera urbana, com suas manifestações como grafite, tatuagens, preferências musicais, esportivas, danças de rua, etc. (OCEM, 2006, p. 178).

Assim como os documentos trazem a tona, é preciso respeitar e estar atento às particularidades da idade, suas preferências e a singularidade que o jovem traz com ele dentro da escola e até mesmo fora dela. Sendo uma questão de entendimento e respeito entre professor/aluno, é necessário que o professor busque formas de englobar se não todas, mas as mais diversas formas possíveis de fazer com que o aluno sintá-se a vontade dentro da sala de aula. Sabendo que tem seus gostos, sua cultura e pluralidade respeitada, não só por ser aluno, mas por um ser humano que carrega com ele diferentes preferências musicais, sexuais, religiosas, e culturais. O PCN também completa e afirma esse pensamento dizendo que:

Os estudantes do ensino médio devem ter clareza de que a formação do gosto pessoal relaciona-se às experiências de vida familiar e cultural, aos meios de comunicação de massa, à escola e outros aprendizados, assim como às relações de cada um com a arte. Enfim, que o gosto pessoal é construído e está sempre em construção. (BRASIL, p. 188).

O que os documentos claramente afirmam é que, independente de qualquer atribuição que o ser humano carregue com ele, seja cultural, familiar ou adquirida em sua vida. Seus gostos devem ser respeitados, sua forma de pensar e opinar deve contar dentro da sala de aula. O professor deve respeitar e tentar cada vez mais que esse aluno tenha proximidade com a arte, para que assim torne-se um

ser ainda mais crítico, com opinião, com visões diferenciadas e gostos totalmente singulares. Pois o jovem precisa desse espaço para manifestar-se, é nas aulas de artes que eles tem essa chance, esse momento, essa oportunidade de deixar que acima de tudo, sua personalidade fale mais alto.

3 O ADOLESCENTE E A IMAGINAÇÃO

Que farei então? Deverei continuar a acertar e a errar, aceitando os resultados resignadamente? Ou devo lutar e tornar-me uma pessoa mais adulta? E também tenho medo de tornar-me adulta demais: eu perderia um dos prazeres do que é um jogo infantil, do que tantas vezes é uma alegria pura. Vou pensar no assunto. E certamente o resultado virá sob a forma de um impulso. Não sou madura bastante ainda. Ou nunca serei. (LISPECTOR, 2004. p. 29).

Quando imaginamos, exercitamos a memória, e fazemos com que toda nossa bagagem imagética venha à tona. Desde muito cedo usamos a imaginação. Quando crianças, conversamos com amigos imaginários que só nós mesmos podemos ver e ouvir, criamos histórias, viajamos sem ao menos sair do lugar. A imaginação percorre o âmbito de poder tudo, sem muito esforço. É muito fácil perguntar a uma criança onde fica seu castelo, quem é seu príncipe encantado, ou qual super herói favorito, e obter respostas fantásticas. A criança imagina, e deixa ser levada pela imaginação tão facilmente quanto um piscar de olhos. Sobre isto Vigotski traz a seguinte fala para refletirmos:

As crianças podem fazer tudo de tudo, dizia Goethe, e essa ausência de exigência e de pretensão da fantasia infantil, que já não é livre no homem adulto, era aceita, muitas vezes, como liberdade ou riqueza da imaginação infantil. Além disso, a obra da imaginação infantil diverge forte e nitidamente da experiência do adulto, o que permitia chegar a conclusão de que a criança vive mais tempo num mundo fantasioso do que no mundo real. Ainda, são conhecidas as imprecisões, as alterações da experiência real, o exagero, e finalmente, o gosto pelos contos e histórias fantásticas, característicos da criança. (VIGOTSKI, 2009, p. 45).

Quando crianças, possuímos interesses mais simples, menos complexos, e por isso a forma de imaginar, criar, e sonhar acaba sendo vista como mais diversificada do que nos jovens e adultos. Porém, existem algumas contradições nesses pensamentos. As crianças por possuírem pouca experiência de vida, pouca bagagem cultural, acabam apenas imitando e inventando, conforme sua necessidade e desejo. Segundo Vigotski:

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque esta experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica seja a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência. (VIGOTSKI, 2009. p. 22).

Ou seja, a criança tem muito mais limitações para imaginar do que uma pessoa mais madura, pois viveu menos, presenciou menos acontecimentos históricos e culturais, além de que a maioria dos frutos de sua imaginação baseia-se em imitações. O que se deve deixar claro, não é que a imaginação da criança não é válida, ou menos importante, o que se deve deixar em evidência é que tudo acontece no tempo certo. A criança, despreziosa, não precisa de um esforço maior na sua infância. Aquilo que pensa, sente e cria, é suficientemente adequado para sua idade.

Quando vamos crescendo e a maturidade vem sendo alcançada vamos guardando e conservando nossas memórias, imagens, e vivências. O que tende a deixar que nossa bagagem imagética fique ainda mais aflorada. Mas o que é intrigante e nos faz questionar a respeito, é que se nossa imaginação está ainda mais desenvolvida na adolescência porque nos parece tão complicado dentro de uma sala de aula aproveitar isso dos nossos alunos? Eis que em um momento em que a puberdade está a mil por hora, um turbilhão de pensamentos e dúvidas está cercado a cabeça de cada um deles, isso acaba influenciando no seu processo imagético? Vigotski afirma que:

À medida que a maturidade se aproxima, começa também a amadurecer a imaginação e, na idade de transição – nos adolescentes, coincide com a puberdade -, a potente ascensão da imaginação e os primeiros rudimentos de amadurecimento da fantasia unem-se. Além disso, os autores que escrevem sobre a imaginação indicaram a íntima relação entre o amadurecimento sexual e o desenvolvimento da imaginação. (VIGOTSKI, 2009. p. 45).

Poderíamos então afirmar facilmente que o adolescente possui em si o ato de imaginar fortemente desenvolvido, e que esse não seria um obstáculo a ser ultrapassado dentro da escola. Mais especificamente falando das aulas de Artes, Egan diz que:

A imaginação tem que se desenvolver nessas disciplinas, para que sua apropriação do mundo seja enriquecida com significado, e a imaginação pode reconhecer e trabalhar nos limites da apropriação que elas podem fazer da realidade. (EGAN, 2005. p. 17).

Podemos dizer que a imaginação nada mais é do que uma companheira do ensino da arte. Como um corpo precisa de suas articulações para poder movimentar-se, assim funciona com a imaginação e a arte, uma depende da outra para caminhar, seguir em frente. É evidente o quanto é importante essa ligação dentro da disciplina na escola. Nos momentos de apreciação, de criação, no desenvolvimento do olhar crítico do aluno diante de uma obra, uma peça de teatro, uma história, ou na apreciação das atividades realizadas por seus colegas em sala de aula. É nesse momento que a imaginação, deixa um pouco de ser apenas a articulação, e passa a ser asas. Asas, para fazer com que além de movimentar-se, possa voar.

O que me traz a inquietação e a dúvida dentro de todo esse contexto, é que sabendo de toda a potencialidade que o adolescente e o jovem possuem, porque as aulas acabam não fluindo, não rendendo, não “voando”? Trago na memória a cena de um filme que me chama atenção, *UP altas aventuras*. Um velhinho já no fim de sua vida quer realizar um sonho, um sonho que havia construído ao lado de sua esposa, que por obra do destino acaba falecendo antes de concluírem seus anseios. O velhinho inconformado em não poder ir morar no alto de uma montanha, passa uma noite toda inflando balões de gás, e os amarra por toda a casa, e quando amanhece ele decola. Ele voa, para poder realizar seu sonho, sua vontade. E você pode me questionar o que isso tem a ver com a imaginação do adolescente? E eu posso responder-lhe com a seguinte afirmação:

[...] Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é acelerador que imprime a velocidade à possibilidade de ação. O homem age (concretiza) porque está mergulhado em correntes imaginárias que o empurram contra ou a favor dos ventos. (SILVA, 2006apud VALENTIM, 2012, p. 12).

Um velhinho com pouca força física, porém com toda força de imaginação dentro de si, é capaz de fazer sua casa voar.

A questão que levanto a partir destas reflexões é: A questão imagética relacionada ao adolescente dentro da aula de Artes tem relação com o professor? Seus métodos de ensino? A forma com que o professor lida com o adolescente

influencia no seu processo criativo e imaginário? Essa questão do professor será abordada no próximo capítulo.

Porém, findo esse deixando em evidência a seguinte pergunta, para que nós futuros professores e já professores nos auto avaliemos: “Estou eu ajudando, ou retraindo o processo imagético do meu aluno? Como posso exigir criatividade e envolvimento do aluno se não estou a par de seus anseios e vontades?”

O adolescente é um sonhador, que deve ser instigado a todo o momento, então, eu, como futura professora não quero sentir-me impotente diante disso, quero deixá-lo voar, sem medo da realidade que o envolve, sem preocupar-se ao menos por um momento com suas decisões, medos e dúvidas. Quero eu ser um pedaço de suas asas, para que juntos possamos voar.

4 O PROFESSOR DE ARTE E SUA FORMAÇÃO

O processo de viver é feito de erros - a maioria essenciais – de coragem e preguiça, desespero e esperança de vegetativa atenção, de sentimento constante (não pensamento) que não conduz a nada, não conduz a nada, e de repente aquilo que era “nada” – era o próprio assustador contato com a tessitura do viver – e esse instante de reconhecimento (igual a uma revelação) precisa ser percebido com a maior inocência, com a inocência de que se é feito. O processo é difícil? Mas seria como chamar de difícil o modo extremamente caprichoso e natural como uma flor é feita (LISPECTOR, 2004, p.76).

O ser humano possui inúmeras aptidões relacionadas à profissão. Alguns gostam de cuidar da saúde do próximo, outros gostam de criar e construir casas, já outros gostam de compor, cantar e dançar. Poderia relatar aqui várias profissões, porém uma profissão que sempre me chamou atenção foi a de ser professor. Ser professor exige muito mais do que imaginamos. O professor precisa estar sempre buscando formas de atualizar-se, de buscar novas fontes de conhecimento. O professor é como uma ponte, que dá acesso ao que o aluno necessita aprender, e muito mais do que apenas aprender, a conhecer e estar inteirado dos assuntos que aquele professor tem a lhe oferecer.

Esse capítulo aborda especificadamente o professor de Artes e sua formação. Algumas das perguntas que motivaram o meu interesse sobre o assunto foram as seguintes: Como o professor de Artes deve portar-se dentro de uma sala de aula de ensino médio? Quando digo portar-se tento me referir à forma que ele deve lidar com os alunos, os conteúdos que ele deve abordar, e por ai em diante;

Quais métodos o professor de Artes do ensino médio pode usar para estar sempre “antelado”? Porque o professor de Artes em muitos casos não procura uma formação continuada, sendo que é algo tão importante para a profissão que exerce?

Ser professor exige responsabilidades, ser professor de Artes, exige mais do que isso, exige que por mais dura que seja a realidade do aluno, mostrarmos a ele que de alguma forma as coisas podem ser belas. Digo belas, porque o belo para mim é a parte que sempre posso aproveitar de alguma situação, seja ela qual for. Trago uma fala de Martins (2010, p.119) para ilustrar um pouco melhor esse meu ponto de vista:

A magia, gerada na alquimia da intuição, do olhar cuidadoso para cada aprendiz, no saber fazer, se revela na criação de situações de aprendizagem significativa. Para construir esses momentos o educador terá de ser guloso em seu desejo de ensinar, paciente na oferta e na espera de quem acredita e confia no outro e amoroso no compartilhar de saberes. Como um pesquisador, ele ensina ensinando, pensando sobre ensinar. E assim, também se aprende.

O ato de ensinar é muito mais do aquilo que um professor, que apenas traz conteúdos e, como em uma avalanche “joga” por cima dos alunos. O ato de ensinar é uma troca, e precisa ser uma troca onde o aluno sinta-se à vontade para interagir com o professor. É nessa troca de saberes, e experiências que o aluno realmente consegue configurar seus pensamentos e de alguma forma aprender aquilo que o professor planeja ensinar-lhe. Perissé (2009, p. 41) afirma que um professor que só sabe instruir não está suficientemente preparado para educar. Concordo com essa fala do autor, que ainda traz a seguinte reflexão para nós futuros e professores de Artes:

Ensinar é mais do que fornecer informações, dados, datas, nomes, referendar respostas prontas; e aprender é mais do que reter tais informações, do que armazenar aqueles dados, arquivar datas e nomes, decorar a afirmação correta... Isso já o sabemos exhaustivamente. Mas então o que “colocar” no lugar das informações, dados, datas, nomes e respostas? Se nada houver de relevante, voltaremos a querer transportar para a cabeça dos estudantes (ou dos “clientes” que nos compram as informações, dados, e etc.) aquilo que está armazenado e arquivado na cabeça do professor... ou nos livros e sites. (PERISSÉ, 2009, p. 41).

Muito mais do que dar instruções e fornecer essas informações, o professor precisa ser “humilde” naquilo que sabe, admitindo que sempre, em

qualquer situação, ele mais do que os alunos também está aberto a aprender cada vez mais. E assim torna-se cada vez mais excelente naquilo que faz.

4.1 O PROFESSOR DE ARTE E O ENSINO MÉDIO

Quando os adolescentes estão no ensino médio, começam a preocupar-se com vestibular, escolhas de profissão, e muitas outras coisas que surgem nesse período. É um momento de transição, de novas possibilidades, e muitas vezes existem dificuldades em motivar o aluno, e criar um espaço em que ele sintase motivado a criar, dentro da disciplina de Artes. Creio que a dificuldade em envolver esse aluno, venha do âmbito de que a disciplina de Artes é pouco valorizada na concepção do adolescente e isso gera certo "desinteresse". É nesse momento que o professor-propositor, entra em ação.

O professor propositor é aquele que estimula, indaga e aguça o desenvolvimento criador do aluno. Por meio de atividades artísticas o aluno tem a possibilidade de imaginar, criar, determinar seu eu, e conhecer melhor a si mesmo e tudo que o cerca. "Portanto, a arte abre espaços para que o aluno possa desenvolver sua imaginação, analisar a realidade e conhecer o meio em que está". (SILVA, 2009, p. 56).

Mas para que o professor entre em ação precisa estar preparado para tal situação. Martins traz a seguinte afirmação:

Perseguir ideias é mergulhar no mar de suas potencialidades, buscando mais referências, procurando novas perspectivas para investigá-las, perscrutando novas hipóteses, no exercício do pensamento projetante. Esse trabalho envolve os aprendizes quanto o educador como estudioso e pesquisadores. (MARTINS, 1998, p. 161).

Mergulhar nesse mar de suas potencialidades não é uma frase que cabe apenas ao aluno. Como o próprio autor diz é uma tarefa que envolve tanto um, quanto o outro. É uma responsabilidade que em meu ponto de vista parte ainda mais do professor do que do aluno, pois como disse no capítulo anterior: como posso exigir criatividade e envolvimento do aluno se não estou a par de seus anseios e vontades? Martins (2010, p.119) diz que é do entusiasmo do educador que nasce o brilho dos olhos dos aprendizes.

Fica claro em minha concepção o que a autora quer dizer com essa fala. O aluno não pode ser estimulado, aguçado se o próprio professor não reflete sobre isso com eles. É como se o professor fosse um espelho, que provavelmente irá refletir para o outro aquilo que tem nele.

Ele não pode refletir entusiasmo para os alunos se demonstra certa falta de interesse dentro de sala de aula. Quando digo falta de interesse, não busco ofender ou menosprezar o trabalho de alguns professores. Busco apenas alertá-los de alguma forma que os alunos querem novidade e a novidade não vem até nós, nós precisamos buscá-la, para depois levar até a sala de aula aquilo que encontramos. Nesse ponto, começo a querer falar da tão discutida e pouco realizada formação continuada e é sobre ela que vamos falar a seguir.

4.2 FORMAÇÃO CONTINUADA

O próprio nome já nos traz um grande esclarecimento do que significa esse conjunto de palavras. Formação é o que precisamos para entrar em uma sala de aula e poder exercer a profissão de professor. Continuada, nada mais é do que uma continuação dessa formação. O que acontece com muitos professores é que eles após se formarem, não buscam mais atualizar-se, deixam de buscar novas fontes de conhecimentos, novas formas de aprendizagem. E ai surge a ideia de que arte, é apenas desenho e papel e uma disciplina que não se pode reprovar o aluno. PERISSÉ (2009, p. 49) diz que:

Não entender... mas assimilar. Formação é isso, fazer de algo carne da nossa carne, sangue do nosso sangue. Fazer de várias e intensas experiências estéticas um certo clima interior, um certo modo de olhar a realidade, um certo modo de aprender e de ensinar.

Acredito que quando escolhemos fazer algo, devemos fazer da melhor forma possível, e por isso me questiono como professores que escolhem lecionar, ensinar, acabam desmotivados para tal coisa? Quando realizei meu último estágio direcionado ao ensino médio, fiquei bastante impressionada como as aulas de Artes eram ministradas para os alunos.

Pude perceber a diferença muito visível, de como os alunos se interessaram mais quando levei até eles coisas diferentes, novas propostas. Claro, que nem sempre é possível agradar a todos, temos que lembrar que somos seres

humanos, e como tal possuímos gostos muito diferenciados. Porém, quando uma grande maioria mostra interesse diante de uma proposta, consigo acreditar que ela deu certo, ou pelo menos motivou boa parte dos alunos.

No decorrer dessa jornada acadêmica ouvi e presenciei outro fator que acredito influenciar muito na motivação do professor. Muitos deles reclamando das condições físicas do ambiente escolar, da pouca variedade de materiais, porém sempre mantive meu pensamento firme de que sim, isso pode influenciar de alguma forma negativa nas aulas, porém não atrapalhar, ou deixar que aulas deixem de acontecer. O professor precisa encontrar formas, e sempre ter sua carta na manga.

Mais do que quantidade de materiais, é preciso oferecer ricas oportunidades de aprendizagem. Para isso, é preciso selecionar meios acessíveis a realidade, inventar possibilidades para os materiais existentes, inovar, ousar. (MARTINS, 2009, p.135).

Inovar e ousar! Duas palavras chaves que abrem possibilidades de aceitação dos alunos em sala de aula diante da disciplina de artes. Não podemos esquecer que estamos lidando com adolescentes e jovens, que estão em pleno século XXI, cheios de anseios e vontades, que conhecem um milhão de novas tecnologias. E por isso querem coisas ousadas, novas.

Quando estudei no ensino médio, e coincidentemente na mesma escola onde realizei meu último estágio, eu ansiava que a minha professora de artes na época entrasse em sala de aula cheia de idéias malucas e inusitadas como acontecia quando eu estudava no ensino fundamental, e isso nunca acontecia. Hoje percebo que o que realmente faltava para que as aulas engrenassem, era uma maior ousadia da professora.

O professor de Artes é uma peça para que essa engrenagem funcione. É na escola e, principalmente nas aulas de Artes, que o aluno dispõe de um espaço para criar, imaginar, e sonhar. Martins (2009, p. 107) diz que a imaginação é também um modo de conhecer. O professor de Artes deve ser esse propositor, esse instigador diante do aluno. É nas aulas de Artes que o aluno desenvolve seu lado sensível e estético, dando novas dimensões a seus saberes. Nas aulas de Artes o aluno tem um espaço só dele para criar e expor tudo aquilo que caminha em sua imaginação. É nos momentos de fruição dessa imaginação que ela é ainda mais aguçada, e faz com que o aluno sintá-se motivado a criar. Martins (2009, p. 108) nós traz a seguinte afirmação:

Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, “falas”, sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensinante de arte. Essas atitudes poderão abrir espaço para o imaginário. A percepção estética e a imaginação criadora são o passaporte para a aventura no mundo da arte.

É indispensável que o professor de Artes crie esse ambiente imagético dentro da sala de aula. Respeitando o momento criador do aluno, respeitando seu tempo, respeitando seu saber. É imprescindível que o professor tenha essa visão de como são importantes esses momentos de ensino/aprendizagem que o aluno tem dentro da disciplina.

É preciso conhecer o aluno. Sabemos que um professor lida com vários perfis de alunos, e que é realmente difícil conhecer e detalhar a cada um para planejar a aula, porém, é necessário que ao menos o professor trace um perfil geral da turma, assim ele irá saber como articular as atividades para cada uma delas.

Ser professor é estar preparado todos os dias para inovar, para dar um novo olhar ao aluno para um mundo que às vezes nos parece tão sem cor. É levar coisas para dentro da sala de aula, pensando que aquilo de alguma forma irá contribuir na formação do sujeito, no desenvolvimento do sensível e do criativo, seja dentro ou fora da sala de aula, a arte é uma importante articulação para desenvolver o aluno. Perissé (2009, p.57) afirma que:

A arte-educação não deveria ser apenas um “componente”, uma ou duas horas semanais na vida do estudante, uma pincelada, um rascunho, um esboço. Arte é vital para as crianças, para o jovem, para o adulto. Pois é vital, para todos, conhecer e reconhecer no mundo e em nós mesmos a presença da criatividade. É vital, no contexto escolar, porque constitui uma forma de elaborar criatividade o que sabemos e sentimos, e de modo particular o que sentimos, não sabemos como definir e explicar.

Consigo perceber que de certa forma é isso que falta na percepção de muitos professores nos dias de hoje. Falta que entendam que muito mais do que passar de ano, o aluno precisa desenvolver essas tantas sensibilidades que venho relatando do decorrer do capítulo.

Falta muitas vezes esse entendimento para os próprios professores, de que a arte não se resume dentro da sala de aula, mas percorre todo o universo pessoal seja dentro ou fora da escola. É preciso primeiramente que o professor vista a “camisa” e entre em campo para jogar. Jogar e vencer. Não entendam que vejo as

aulas de Artes como uma competição, digo vencer no âmbito das mudanças, é preciso que os professores se adéquem aquilo que enfrentamos hoje. As situações, as contradições, as novidades.

É preciso parar e pensar todos os dias, se como professores nós estamos contribuindo de fato positivamente na vida de cada um de nossos alunos. É preciso uma auto avaliação, é preciso sempre parar e pensar se realmente estamos ofertando tudo que vivenciamos e aprendemos, quando estávamos como alunos dentro de uma universidade, para nossos alunos. Porque só assim iremos conseguir alcançar o objetivo de que o aluno, viva a arte, sinta a arte e não apenas aprenda a arte.

5 METODOLOGIA

Lutei toda minha vida contra a tendência ao devaneio, sempre sem jamais deixar que ele me levasse até as últimas águas. Mas o esforço de nadar contra a doce corrente tira parte de minha força vital. E, se lutando contra o devaneio, ganho no domínio da ação, perco inteiramente uma coisa muito suave de se ser e que nada substitui. Mas um dia ainda hei de ir, sem me importar para onde o ir me levará. (LISPECTOR, 2004, p. 111).

Como acadêmica do curso de Artes Visuais Licenciatura, será apresentada a seguir esta pesquisa científica. Trata-se de uma pesquisa que busca investigar o olhar do adolescente para as aulas de Artes e a imaginação e intitula-se: “Adolescência, Arte e imaginação: O que dizem os adolescentes sobre as aulas de Artes. ”

Denomina-se uma pesquisa básica e sua forma de abordagem é qualitativa, pois “(...) A pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade. ” (MINAYO, 2000, p. 43).

Classifica-se como exploratória por que: “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos (...)” (GIL, 1999, p. 43).

A presente pesquisa também possui características descritivas, conforme Gil, 2002, p.42, “As pesquisas descritivas tem como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno, ou então o estabelecimento de relações entre as variáveis”.

Envolveu a descrição e análise de dados coletados em uma entrevista informal, pois "este tipo de entrevista só se difere da simples conversação porque tem como objetivo básico a coleta de dados." (GIL, 1999, p. 119), realizada com adolescentes que cursam os anos finais do ensino médio em escolas do município de Içara.

A princípio a ideia era a realização de uma oficina onde eu pudesse realizar essa entrevista e também proporcionar um momento de realização de produções a partir dessas conversas. Porém devido aos contratempos, e falta de disponibilidade dos alunos, precisei usar apenas a técnica de entrevista informal, onde fui recebida em uma escola do município e realizei essas conversas durante a aula de uma professora que permitiu que alguns alunos participassem. Também conversei com um aluno de outra escola da região em um espaço público. A pesquisa aborda o seguinte problema: **O que dizem os alunos do ensino médio do município de Içara sobre as aulas de Artes e a imaginação?**

Seu objetivo geral é investigar a relação do aluno do ensino médio com as aulas de Artes e a imaginação. Seus objetivos específicos são: realizar um levantamento bibliográfico sobre os temas: As aulas de artes hoje; o adolescente e a imaginação; o professor de Artes e sua formação; realizar uma pesquisa de campo onde possa ouvir e refletir sobre a fala dos estudantes sobre as aulas de Artes e a imaginação; elaborar uma proposta de curso que possa colaborar com uma possível solução para problema abordado.

No decorrer dos capítulos uso a escritora Clarice Lispector para dialogar com cada um deles. Escolhi Clarice, pois creio que a docilidade e ao mesmo tempo singularidade que ela usa em suas escritas, podem enfatizar aquilo que os capítulos abordam.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Trago a seguir as falas que obtive nas conversas com os alunos do ensino médio do município de Içara, seguidas de reflexões minhas e de alguns autores que utilizei na estruturação de toda escrita desta pesquisa. As falas foram selecionadas e são trazidas na íntegra, isso quer dizer, estão escritas conforme ditas. Ressalto que para melhor compreensão do leitor as falas estão destacadas em

itálico.

6.1 WALTER, UM DANÇARINO SONHADOR

Após agendar várias vezes com diferentes alunos, de diferentes escolas, consegui encontrar-me com um aluno individualmente fora do espaço escolar. Nossa conversa aconteceu na praça da juventude de Içara.

Quando começamos a conversar percebi que Walter (15) tinha propriedade em suas falas, e segurança no que dizia. Em um momento “x” da conversa, Walter trouxe a seguinte fala:

- Ultimamente nas minhas aulas de arte eu não faço nada. Hã, a professora às vezes da uns desenhos abstratos e a gente faz, entrega, ganha uma notinha básica, e está passado em artes.

Quando ouvi essa fala, logo me veio na memória o que havia lido e visto tantas vezes no decorrer deste trabalho, sobre a maçante utilização somente do desenho nas aulas de Artes.

Nas aulas de arte-educação, o contato vivo com as artes é tão importante quanto o contato vivo com animais nas aulas de biologia. Conheci um biólogo professor que levava para seus alunos – maioria deles nascida e criada em jaulas-apartamentos – insetos saltitantes e pequenos mamíferos imprevisíveis. As crianças e os adolescentes eram convidados a tocar nos animais, e muitos manifestavam nojo e medo. Tinham medo e nojo da vida! Algo semelhante acontecerá em sala de aula com respeito à arte. Que o aluno perca o nojo a tinta, perca o medo do palco, perca o receio de dizer um poema em voz alta, perca o temor de criar, tão contrario à nossa própria natureza, pois estamos “plugados” à ferramentas, inventamos novos modos de morar, de nos vestir, de nos comunicar, novas (e belas) formas de nos alimentar. (PERISSÉ, 2009, p. 60).

Como iremos nós professores cobrar interesse do aluno nas aulas, se não ofertarmos a ele coisas que os estimulem? Quando conversei com Walter ele disse algumas vezes que muitos alunos gostavam de arte na sua sala. Em uma fala ele diz:

- Inclusive na minha sala tem gente que gosta muito de artes, tem gente que quer fazer faculdade, e acho que ela deveria explorar mais os alunos.

Creio que quando ele usa o termo “explorar” ele queira dizer que sua professora não percebe o quanto existe de potencial em seus alunos, o quanto ela poderia utilizar desse gosto para tornar suas aulas mais significativas, tanto para eles, quanto para ela. Existe visivelmente essa falta do novo, do inovar dentro da sala de aula em muitas escolas. Cabe ao professor buscar “novidades”, fazer com que o aluno acabe sentindo-se motivado a criar, a imaginar, a voar.

Uma das falas que me chamou bastante atenção no decorrer de nossa conversa foi quando o questionei sobre como eram as aulas, quando era proposto algo além de desenho (e se era):

- Tem matéria de artesanato também, que daí é fora de artes, que daí tipo, hã, ela, hã... Artesanato a gente faz bastante coisa sim. Tipo, em época de natal, páscoa e tal, a gente faz coisas tipo papai noel, e... Mas só que é fora da aula de artes, mas é a mesma professora entendeu? Aí acho que ela acaba confundindo, e de artesanato invés de artes.

Essa fala me faz refletir sobre a capacitação do professor, sobre a “qualidade” dos seus serviços. Ora, quando vamos a um restaurante japonês, é porque queremos comer comida japonesa, e não árabe. Os próprios alunos sabem ponderar essa diferença, entre arte e artesanato. Como um professor que passou anos em uma faculdade, “confunde” as disciplinas? Mais uma vez, gostaria de salientar que toda “crítica” apresentada nesse trabalho, não vem no sentido de ofender o trabalho dos professores, e sim, de ser algo construtivo, para que juntos possamos cada vez mais fazer com que os alunos mergulhem nesse mundo fantástico das Artes.

Outro ponto importante de nossa conversa foi quando ele ressaltou algumas questões que eu já havia percebido no decorrer do meu último estágio realizado no ensino médio. Quando o assunto era imaginação, criação, eu sentia um pouco de dúvida relacionada a isso. Perguntei para Walter qual a ligação que ele via entre as aulas de Artes e a imaginação, e se ele achava que “usava” toda sua imaginação durante as aulas.

E sem dúvidas, essa foi à parte em que fiquei mais “triste” durante o período da conversa. Seu semblante me disse mais do que muitas palavras. Ele que estava um pouco risonho, e ficou travado, ele não sabia o que responder. Foi algo

que o deixou um pouco sem graça, era o que me aparentava. Claro que não esperava que sua resposta fosse de caráter acadêmico, mas pensei que de alguma forma ele conseguiria responder facilmente.

- (alguns segundos pensando) Não sei... Não sei dizer, tipo é sempre as mesmas coisas. Não sei explicar! (risos)

Comumente, entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano, designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (VIGOTSKI, 2009, p.14).

Eu percebi que Walter era um menino “estiloso”. Óculos arrojados, alargadores, camisa jeans, bermuda rasgada, e cabelo muito moderno. Risonho, engraçado e dançarino de um grupo de danças urbanas, ele me fez sentir vontade de estar presente em sua sala de aula. Levar coisas que ele mesmo me dizia faltar, ele queria coisas diferentes.

Talvez por ter contato com a dança, sua mente seja um pouco mais amadurecida para as múltiplas linguagens. O que eu realmente não gostaria que acontecesse, é que pessoas como esse dançarino sonhador, terminassem sua trajetória escolar frustrados com as aulas de Artes. Se pudesse levaria Walter comigo para um mundo imaginário.

Um professor esteticamente mais bem formado cultivará (eis um pressuposto somado à esperança) um comportamento especial no cotidiano escolar, porque olhará de modo especial os seus alunos, verá neles artistas em potencial, respeitando essa possibilidade, acreditando nela como realidade alcançável. (PERISSÉ, 2009, p. 54).

Um comportamento especial, ou seja, um amor maior, um desejo maior, um anseio maior. Não é preciso formar artistas em sala de aula, mas acreditar que se podem abrir espaços para que artistas se identifiquem e espectadores sensíveis também.

6.2 OUTROS SONHADORES

A segunda etapa das entrevistas aconteceu em uma escola do município de Içara, no período noturno, com cerca de doze alunos do terceiro ano do ensino médio.

Primeiramente entrei na sala, onde a professora me apresentou, fez uma prévia do que iria acontecer, e depois pediu que eu falasse coletivamente com eles. Falei sobre meu trabalho de conclusão de curso, expliquei como aconteceriam as conversas, e logo pedi que de quatro em quatro me acompanhassem até uma outra sala para que pudéssemos conversar um pouco melhor. Reuni os alunos em pequenos grupos e filmei-os com meu celular.

As conversas aconteceram de uma forma bem espontânea, os assuntos iam surgindo, e pouco a pouco as críticas apareceram. Essas falas chegaram a mim como confirmações de questões que venho debatendo no decorrer deste trabalho. Ao ouvir os alunos, muitas coisas começaram a fazer sentido.

Logo começamos a falar sobre as aulas de Artes, discutindo o que eles achavam das suas aulas, seus pontos de vista, suas dúvidas. Muitas falas me surpreenderam como essa que logo no início Carol (18) formulou, e logo em seguida foi complementada pelo Bruno (17):

- Mas eu acho que não tem tanto interesse dos alunos, porque a maioria não entrega os trabalhos na data certa... (Carol)

- Verdade, e praticamente o cara ganha bastante nota de graça, literalmente! (Bruno)

Sendo essa uma fala que ouvi muitas vezes durante as conversas, acho importante destacá-la a fim de mostrar que a visão passada para os alunos diante da disciplina por muitos professores, é de "descaso". Parece-me que na concepção do aluno, tanto faz fazer todas as atividades propostas, ou não porque provavelmente, isso não implicava em questão de notas. Em alguns momentos eu pude sentir certo pensamento formado, quase que um preconceito diante da disciplina. Essa parte da conversa perdurou um bom tempo, e logo veio a seguinte complementação:

- *Tipo, aquela história de que Artes não roda... Que, Artes... Se fica em Artes não pode rodar, porque é uma matéria... (semblante de dúvida) (Carol, 18)*

- *Que tipo, é só desenhar... (Giovana, 17)*

Bom, penso da seguinte maneira, se por uma questão cultural, já existe esse pensamento de que a disciplina não é importante, de que não é preciso entregar trabalhos em dia, não é preciso esforçar-se de forma alguma, onde entra o professor nesse sentido? De que forma ele pode se posicionar de maneira que possa ao menos tentar que essa visão tão pequena sobre as aulas de artes possa ser rompida?

O mistério pode ser desvelado no enredamento dos conteúdos do que é preciso ensinar/aprender e dos conteúdos do aprendiz – o que intui e sabe -, articulado em situações de aprendizagem especialmente projetadas. Muitas vezes o aprendiz ainda não viveu encontros felizes com a arte, talvez tenha dificuldade em explorar e comunicar ideias de pensamentos/sentimentos e pode ter aprendido apenas a seguir a lição de outros. Silenciado de seu próprio pensar/sentir, repetidor do pensamento de outro, esse aprendiz terá de ser envolvido na rede da linguagem da arte por outros caminhos. É preciso abrir espaço para que possa desvelar o que pensa, sente e sabe, ampliando sua percepção para uma compreensão de mundo mais rica e significativa. Desvelar/Ampliar e propor desafios estéticos são como poção mágica, pó de pirlim-pim-pim, na possível experimentação lúdica e cognitiva, sensível e afetiva do poetizar, do fruir e do conhecer arte. (MARTINS, 2009, p. 120)

Quando leio esse trecho em que o autor praticamente desvenda o “mistério”, e me deparo com a questão de que o que nos falta (digo nós para referir-me a todos os professores, sem distinção de idade, sexo ou qualquer outra característica relevante) é realmente o entender que é preciso ser diferente. Quando me refiro ao diferente, me refiro a trazer pra sala de aula o teatro, a dança, a música, a pintura, o desenho e por ai em diante. É preciso trazer tudo isso, e mesclar não apenas com aquilo que julgamos ser importante.

Mas trazer esse diferente e fazer uma mistura mágica com aquilo que os alunos possuem de conhecimento, de saberes, de vontades. O aluno não vai interessar-se apenas ouvindo de longe falar que as aulas de Artes são legais, emocionantes e divertidas. Ele precisa ter contato com isso, ele precisa viver isso, e viver de verdade. Esse viver não quer dizer que ele vai euforicamente amar as aulas de Artes, isso não é o foco. Ele precisa tocar sentir ouvir, provar... Pra saber o que é.

Durante todas as conversas, senti o quanto eles anseiam por uma aula de Artes que os motivem, que seja diferente que saia da rotina dos textos escritos nos quadros, lidos, discutidos, e a entrega dos desenhos a partir deles.

- Se o professor vamos dizer, fala a nossa língua (faz sinal de aspas com as mãos), a aula se torna também mais interessante... Se o professor já é mais... Vamos dizer cafona a gente deixa de lado, a gente não quer nem saber o que ta acontecendo na aula. (Chaiane, 16)

Chaiane foi um exemplo vivo falando, tudo aquilo que eu aprendi em sala de aula que não poderia fazer. Ela destacou muitos pontos negativos, mas infelizmente presentes em tantas escolas. Em certo momento da conversa ela disse:

- Tipo, no primeiro ano era assim... A professora dava uma paisagem pra gente e a gente tinha que desenhar igual [...] Ó meu Deus do céu, o que eu quero saber da Monalisa? Eu quero algo diferente! E ela ficava brava ainda com a gente, quando a gente falava isso.

Diferente, diferente, e diferente. Em torno de 50 vezes essa palavra foi citada durante nossa conversação. Percebi que realmente os alunos sentem “falta” das múltiplas linguagens dentro da sala de aula. Sentem falta de uma aula que envolva a linguagem teatral, a linguagem musical, e as tantas outras ramificações que a arte abrange. Se o professor não está aberto às sugestões dos próprios alunos, quem mais irá ajudá-lo a formular aulas que motivem os próprios? Além de professor, ele será pra sempre um ouvinte. Sejam criticas boas, ou ruins, ele sempre deve estar aberto a recebê-las e filtrar o que pode ajudar, e o que apenas deve ouvir e deixar para trás.

Não basta estar no meio da multidão para pertencer a uma comunidade. Não basta estar dentro de uma sala de aula para pertencer a um grupo que se uniu em busca do conhecimento. Encontro significa “entrelaçamento”, intercâmbio de possibilidades. Não basta escrever uma palavra ao lado da outra para compor um texto. Não basta juntar cores para compor uma pintura. Não basta posicionar várias pessoas dentro de um palco para que nasça uma apresentação teatral. Em todos esses exemplos, o encontro exige uma relação reversível. (PERISSÉ, 2009, p. 85).

Essa questão de unir, juntar, pensar em conjunto com o mesmo propósito artístico, é citada de uma forma bastante exemplificada pelo autor acima. Não é o bastante ter um professor e uma sala de aula cheia de alunos, é preciso que exista uma relação entre eles.

É preciso como em toda relação que exista a vez de falar e a vez de ouvir para ambos os lados. É preciso estabelecer confiança entre professor e aluno. As duas partes devem sentir-se à vontade para falar, discutir, e opinar.

Outro ponto que achei muito interessante durante nossa conversa foi quando falávamos sobre os professores de um modo geral. Falávamos sobre jeitos, valores, ética, singularidade e profissionalismo, quando uma das adolescentes trouxe à tona algo que me deixou bastante feliz. Poucas foram às vezes em que falas positivas apareceram durante o nosso bate papo, e essas foram uma delas:

- A gente teve um professor, eu sei que ninguém, que nem todo professor é igual... Ninguém é igual, mas ele tinha uma aula que eu, hãhã... Foi o primeiro professor que eu vi, que fazia toda sala se interessar! Hãhã, que era o Luan. Ele trazia uma aula diferente [...] Ele era dinâmico!(Maria, 18)

- [...] Ele era jovem! (Paloma, 17)

Jovem, dinâmico, atual... Palavras que suavam com mais leveza na boca dos adolescentes. Acredito que a questão não era decorrente nem do professor Luan ser mais jovem. A questão é que eles viam nele algo diferente! Viam nele a novidade que eles tanto desejam.

Não é exigência alguma que os professores sejam jovens para poder dar uma boa aula, claro que não. Porém, o jovem Luan é um professor recém-formado, com mil e uma ideias na cabeça e cheio de vontade de levar isso até os alunos, e essa é toda a chave da questão. Quando ele atuou como professor, levou para a sala de aula a fotografia. É desse tipo de novidade que os alunos se referem. Assim como a fotografia marcou tanto essa passagem do Luan em sala de aula, creio que as outras linguagens da Arte (dança, teatro, música...) também de alguma forma deixariam os alunos mais motivados a participar das aulas de artes.

Se os professores que já se formaram há algum tempo continuassem a procurar essas novidades, continuassem a levar coisas que condizem com o tempo e idade dos adolescentes, com toda certeza as aulas seriam mais produtivas.

Bem sabemos: não existe quem seja perfeito, completo, preparadíssimo, capaz de desenvolver-se em todas as direções, “assobiar e chupar cana ao mesmo tempo, ” como diz a sabedoria popular. Entram aqui as inclinações às escolhas, as oportunidades, as limitações. O desafinado também tem um coração, que baterá mais forte pela poesia, pelo desenho ou pela dança mais que pela arte de cantar. O importante, contudo, é desencadear processos de percepção, de imaginação, de interpretação, de gozo estético. O professor não será um exímio desenhista, ou morrera de amores pelo teatro, ou enfrentará dificuldades para sincronizar-se com a música, mas sempre terá condições de indicar com simpatia construída e conquistada, por trás da porta que lhe parecer trancada, um caminho que outros não de tirar proveito. (PERISSÉ, 2009, p. 54).

Concordo plenamente quando Perissé traz essa fala sobre o professor e suas possíveis aptidões. Assim como os alunos, nem sempre o professor vai ter habilidade para todos os viés que a arte dispõe. Mas não é por isso, que ele deve privar o aluno desse contato. Entra mais uma vez a história do professor propositor, que procura saídas para levar o contato com todas as linguagens da Arte para seu aluno em sala de aula. É esse professor que os alunos almejam, é disso que de uma forma bem explícita eles colocam em suas falas, um professor que independentemente de sua idade, esteja disposto a inovar sempre.

Todos esses assuntos foram discutidos e explanados de forma com que eles se sentissem à vontade para falar e expor suas idéias. Porém, como aconteceu em outro momento, quando a conversa foi realizada com outro adolescente, em outro espaço, o assunto que deixa o adolescente mais pensante, mais indagado, é sem dúvida, quando me refiro à imaginação e sua ligação com as aulas de Artes.

Durante a conversa ouvi muitas falas de diferentes maneiras, porém todas cobertas de dúvidas, e inseguranças. Sempre que falo em imaginação, os alunos param para pensar, refletem, e muitas vezes as respostas são muito parecidas: “Não sei, não tenho certeza”. Algumas meninas fizeram uma ligação bastante interessante, e acredito ser importante compartilhar.

- Na minha infância, a gente imaginava mil coisas [...] Hoje em dia tu vai falar com uma pessoa, o que é que ela fica imaginando? O trabalho dela, o que é

que ela tem que fazer pra levar pra aula... Essas coisas... As coisas dentro de casa. Porque? Porque é nossa realidade hoje em dia! Quando a gente era criança, a gente pensava que tinha príncipe encantado, e sei lá o que... (Sheila, 17)

- Eu tinha um amigo imaginário cara! (Paloma, 17)

*- Pois é, viu? Tu tinha um amigo imaginário, e hoje tu não tem!
(Sheila, 17)*

Essa ligação de infância e imaginação foi bastante discutida em nossa conversa, levei até elas as falas de Vigotski, que sustenta o tema imaginação durante todo o percurso do meu trabalho. Usei suas falas onde ele evidencia que:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela. Eis por que a imaginação da criança é mais pobre que a do adulto, o que se explica pela maior pobreza de sua experiência. (VIGOTSKI, 2009, p. 22).

Foi algo surpreendente para eles descobrirem que seu poder imagético é muito maior do que quando eram crianças. Os mesmos acreditavam que de alguma forma toda aquela imaginação que tinham quando crianças havia ficado pra trás, ou até mesmo acabado.

Engraçado, ouvi-los falando sobre seus devaneios de quando eram crianças, me pareceu um momento de lembranças, algo que traz muita saudade. Não poderia ser diferente, ser criança é imaginar que existe príncipes, princesas, imaginar que uma bicicleta é uma moto, deve trazer saudade pra quem hoje em dia pensa em coisas tão mais complexas.

Por isso a minha maior preocupação é em relação a essa carência de um momento imagético, um momento que oportunize e que aguace essa imaginação. Eu tenho certeza de que aqueles alunos sonham e imaginam e criam mil coisas em suas mentes, e infelizmente não aproveitam isso, pela falta de oportunidade. Queria eu por um instante sentar-me com eles, contar-lhes uma história de bruxas e de princesas, e fazê-los simplesmente sonhar acordados.

É difícil? Não deve ser fácil! Fazer com que vários adolescentes sentem e ouçam uma história, ou inventem uma história, ou ainda criem uma canção. Não

deve ser fácil, todos os dias estar disposto, porém isso é ser professor. É ser persistente, é acreditar que é possível sempre, mesmo que os ventos pareçam contrários. A arte é isso:

[...] A dor, o amor, a traição, a compaixão, a luta pela verdade, a crueldade, a miséria, a pilhéria, o medo, a desastrosa quebra de um segredo, o pessimismo, o heroísmo se formam e se transformam em melodias, em pinceladas enérgicas, em frases, em desenhos, em movimentos, em cores inéditas, em efeitos especiais, em ritmos, em tons, em linhas curvas e etc. [...] Quando nos faz instruir, sentir, captar de modo denso e profundo algo que de outro modo teríamos grande dificuldade para descobrir. Quando nos ajuda a reconhecer intensamente o insípido e o amargo, o doce e o ácido, o ardente e o azedo, o agridoce e o salgado. (PERISSÉ, 2009, p. 52).

A Arte é essa vasta imensidão de possibilidades, de alternativas, de erros e acertos, que lapidam e deixam marcas. A arte é sem dúvida o extremo da dúvida e da certeza, da coragem e do fracasso. A arte é uma questão de sentir, é uma questão de deixar sentir, e de deixar se levar. Deixar imaginar, deixar sonhar. A arte é uma doce e singela forma de escapular de um mundo que na maioria das vezes nos parece tão amargo.

Cabe a nós professores decidirmos: o que queremos para nossos alunos dentro da sala de aula? Cabe a nós decidirmos entre o doce e o amargo, entre o vivo e morto, entre o bonito e o feio, entre o fazer ou deixar pra lá, entre o sonhar ou acordar, entre fazer valer a pena, ou simplesmente fazer por fazer. Cabe a nós darmos a opção de um caminho onde eles percorram com a leveza de uma criança, carregando as responsabilidades de um adulto, ou apenas de um adulto que carrega responsabilidades. Eu desejo ter alunos que sonhem acordados, que imaginem que dançam que cantem que descubram o quanto é bom crescer sem perder a doçura e tranquilidade de uma criança.

- Vai dizer que tu não achava que a tua bicicleta era uma moto super, hiper, mega potente? (Paloma, 17)

6.3 PROPOSTA DE CURSO

Com base nessa pesquisa, sugiro a seguinte proposta de curso:

6.3.1 Título: Dando asas à imaginação

6.3.1.1 Justificativa

Após realizar meu trabalho de conclusão de curso, consegui identificar essa carência de um espaço imagético dentro das aulas de artes no ensino médio. Consegui perceber que muitos professores não buscam atualizar-se e “seguir” o ritmo desses adolescentes que estão em uma frequência frenética e que anseiam coisas novas em suas aulas. O aluno precisa desses momentos de fruição e imaginação. Como eu saliento durante todo esse trabalho, o aluno não deve apenas aprender a arte, e sim vivê-la, senti-la, tocá-la. Martins (2010, p. 107) traz a seguinte reflexão:

Na aula de arte, a ênfase não deveria estar, por exemplo, na teoria das cores, mas no provocar a sensibilidade cromática; não na história da arte impressionista, mas no ressignificar o momento de olhar a vitalidade das cores e das coisas, na fugacidade impressa pelo gesto do artista; não na execução de ritmos na atividade com a bandinha, mas na exploração percussiva dos sons, em busca de frases sonoras. Do mesmo modo a preocupação central nessas aulas não deveria estar na apresentação do “teatrinho” que aprisiona os alunos em textos decorados e personagens estereotipados, mas na criação cênica que nasce da descoberta de criar um ente fictício e poder brincar com ele através do texto teatral.

Como a autora nos aponta, existe certo engano na concepção de muitos professores na hora de “ensinar” arte. Muitos cobram a técnica, aplicam a teoria, e acabam esquecendo de conceder esse espaço pro aluno ser autor, criar, imaginar. Martins (2010, p. 107) diz que a imaginação também é um modo de conhecer. Assim, afirma ainda mais aquilo que digo nas entrelinhas acima, o aluno precisa exercitar esse lado imagético dele. Se não for aberto esse espaço nas aulas de Artes, de nada valerá todo conteúdo e teoria aplicada.

O professor deve abrir esse espaço, deixando as técnicas e as teorias que se tornam maçante um pouco de “lado”. Disponibilizar esse momento criador e imaginativo ao aluno acarretará como resultados aulas mais significativas. A imaginação é a chave do sucesso para uma aula produtiva. Não é possível esquecer isso, o aluno tem direito a esses espaços, assim como o professor tem o dever de oportunizá-los a eles: É exercitando esse pensar imaginativo que podemos encontrar soluções inovadoras e ousadas [...] (MARTINS, 2010, p.107).

6.3.1.2 Objetivo geral

Contribuir com o ensino de arte no ensino médio do Município de Içara, mostrando novas possibilidades de ensino aos professores, a partir da imaginação.

6.3.1.3 Objetivos específicos

- Promover um espaço para troca de experiências dos professores do Município de Içara;
- Oferecer possibilidades para uma provável melhora nas aulas de Artes, a partir do uso do recurso da imaginação;
- Criar um momento imagético para os próprios professores, para que a partir disso eles sejam motivados a levar isso para as salas de aula;
- Ampliar o repertório artístico-cultural dos participantes;

6.3.1.4 Carga horária

Quatro encontros com carga horária de 4 horas/aula, sendo eles divididos em um encontro a cada bimestre do ano letivo.

6.3.1.5 Público alvo

Professores de Artes do ensino médio do município de Içara.

6.3.1.6 Metodologia

Os encontros serão destinados a oficinas de criação, onde os professores poderão aguçar seu lado imagético e assim ampliar seu repertório artístico cultural. Durante as oficinas serão abordadas as várias linguagens da Arte.

As oficinas serão divididas em momentos de teorias, criação e socialização entre os participantes. Todos os professores serão convidados a

mergulhar nesse mundo imaginário, dar asas à sua imaginação, para que mais tarde possam levar isso para a sala de aula e, juntamente com seus alunos, possam voar rumo ao mar de possibilidades que a arte oferece.

7 IMAGINANDO, EU SONHADORA: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar-se no espelho e dizer-se deslumbrada: Como sou misteriosa. Sou tão delicada e forte. E a curva dos lábios manteve a inocência. Não há homem ou mulher que por acaso não tenha se olhado ao espelho e se surpreendido consigo próprio. Por uma fração de segundos a gente se vê como a um objeto a ser olhado. A isso se chamaria talvez narcisismo, mas eu chamaria de: alegria de ser. Alegria de encontrar na figura exterior os ecos da figura interna: ah, então é verdade que eu não me imaginei, eu existo. (LISPECTOR, 2004, p. 42).

Imaginar, sonhar, criar. Essas foram as palavras que motivaram toda essa pesquisa sonhadora. Quando iniciei esse trabalho, pensei de forma muito crítica e direta. Mas no emaranhado de falas e percepções, percebi que de forma doce e sonhadora as coisas iriam fluir mais facilmente. Em momento algum desejei menosprezar o trabalho dos colegas professores, ou de alguma forma ofendê-los profissionalmente. Meu objetivo maior sempre foi, e sempre será, a arte. O ensino dela da maneira mais bonita, mais doce e encantadora possível.

Consegui perceber nessa trajetória, de conversas, pesquisas, e estudos, que o problema não está no professor, ou no aluno, e sim no modo que muitas aulas são conduzidas. Muitas vezes exigimos tanto o lado teórico, a técnica, e esquecemos que tudo o que o aluno quer e precisa é criar. Ter seu momento de devaneio, ter seu lado criança aguçado. Cabe a nós, professores e futuros professores, abriremos esse espaço para eles.

Ouvi de muitos professores o quanto é difícil lidar com adolescentes no ensino médio. Não digo que sempre será fácil, sabemos que essa é uma idade complexa, de muitas mudanças e transições. Porém, cabe a nós tirarmos proveito desses momentos, encontrar vieses para que esses alunos encontrem nas aulas de Artes, um momento em que possam traduzir em música, dança, desenhos, pintura, teatro, fotografia, filmes, o que sentem e pensam.

É simples, não vejo complexidade em abrir a porta do mundo imaginário para que eles possam passar e entrar. Talvez, já nesse momento de término de escrita, você professor já formado e com tantos anos de profissão, esteja pensando:

“Mas ela é nova, ainda não teve tantas experiências quanto eu, um dia vai me entender.” Eu sei que um dia vou me cansar, vou ficar chateada e querer jogar tudo para o alto. Porém, eu vou ainda lembrar o quanto eu estimo essa profissão, o quanto eu sonhei parar estar aqui hoje, e sei que não vou desistir. Não porque sou teimosa e diferente dos demais, mas porque sou sonhadora, e quero que os outros assim como eu também sejam.

Não quero alunos iguais a mim, não quero professores iguais a mim, quero companheiros de imaginação, quero sonhar acordada com todos vocês, e quero que vocês sonhem também. Quero que sejam inspirados por essa coisa tão bonita chamada “educar”. Quando penso em educar, não me vejo a frente de uma sala. Vejo-me ao lado! Ao lado de cada aluno, ao lado de cada escola. Consigo por segundo me imaginar voando lado a lado de cada criança, de cada adolescente, de cada jovem, e de cada adulto.

Peço que nesse momento, você que lê esse fim de trabalho, feche os olhos, e imagine você com asas, podendo sobrevoar belas montanhas e lagos, podendo levar com você pessoas que você deseja levar. Segure a mão dessas pessoas, e sinta o quanto é bom estar de mãos dadas e voar. Sabe o que acontece quando estamos todos junto em busca de um único ideal? Ele acontece.

Por isso, concluo essa pesquisa deixando aqui uma indagação para todos os professores de Artes: você tem ofertado as asas aos seus alunos para que eles possam voar, assim como um dia você desejou voar? Se não, não é tarde, talvez essa leitura seja o início de um novo momento em sua profissão. E nunca é tarde para sonhar, para imaginar.

Pegue suas asas, tire o pó que possa ter criado sobre elas, use-as mais uma vez, e não as tire nunca mais. Porque somente quando você deixar-se levar por sua imaginação, seus alunos também serão levados. Imaginem, e nunca deixem o seu lado crianças de lado, esse é o meu desejo para minha vida e para todos vocês!

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. Ed. Brasília: DP&A, 2001. 130 p.
- EGAN, Kieran. **Por que a imaginação é importante na educação**. In FRITZEN, Celdon; CABRAL, Gladir da Silva (orgs.). *Infância: Imaginação e educação em debate*. Campinas, SP: Papyrus, 2007. (p. 11- 35).
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999
- LINGUAGENS. **Códigos e suas Tecnologias**– orientações curriculares para o ensino médio – vol. 01. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2006.
- LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2010.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- PEREIRA, Katia Helena, **Como usar artes visuais na sala de aula**, Editora Contexto, São Paulo, 2007.
- PERISSÉ, Gabriel, **Estética & Educação**, Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2009.
- SILVA, Angela Carrancho da. **Escola com arte: Multicaminhos para a transformação**. Porto Alegre: Mediação, 2006. 119 p.
- SILVA, Maria Helena Périco da. **Quais os espaços imaginativos presentes nas aulas de artes?** Um estudo de caso com alunos da terceira série da E.E.B. Professora Maria Garcia Pessi. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2009.
- TATIT, Ana e Machado, Maria, S. M. **300 Propostas de Artes Visuais**. 2ª Ed. SP: Loyla, 2004.
- VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores / Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes**. – São Paulo: Ática, 2009.

APÉNDICE(S)

APENDICE A - AUTORIZAÇÃO PARA O USO DAS FALAS DOS ALUNOS

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____
 RG _____.(nº da Identidade), estou de acordo a participar de uma pesquisa que busca **perceber a relação do adolescente, a imaginação e as aulas de arte**. Realizada pela acadêmica ANETAIS CANDIDO MOTTA, da 8ª fase, do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da UNESC, autorizando assim, o uso de minhas falas, minhas imagens ou outros trabalhos feitos por mim e para uso desta pesquisa.

Atenciosamente,

 (Assinatura do adolescente)

Eu, _____, CPF no _____, residente em _____, autorizo meu/minha filho(a) _____, a participar da pesquisa proposta por ANETAIS CANDIDO MOTTA, da 8ª fase do curso de Artes Visuais – Licenciatura, da UNESC, que busca **perceber a relação do adolescente, a imaginação e as aulas de arte**. Autorizo, ainda, que sejam feitas imagens a partir de câmera digital das atividades realizadas, das falas e imagens para uso da pesquisa e para fazer parte do acervo mantido pelo curso de Artes Visuais - Licenciatura.

Por ser verdade, firmo o presente.

Criciúma, _____/_____/_____

 (Assinatura dos pais ou responsável)

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA
FICHA DO ORIENTADOR

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 – PRODUÇÃO TEXTUAL	
Atitudes do orientando (a) Esta nota é exclusiva do professor orientador e substitui a nota da produção textual (vale até 10,0 pontos)	
Frequência nas orientações	0,0 a 3,0 -
Autonomia do acadêmico em relação à busca de bibliografias	0,0 a 3,0 -
Autoria do acadêmico na redação e análise.	0,0 a 4,0 -
Total	
ETAPA 2 - APRESENTAÇÃO ORAL = 10,0 PONTOS	
Argumentou de forma clara e objetiva	0,0 a 3,0 -
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese	0,0 a 4,0 -
Apresentou coerência com o trabalho escrito	0,0 a 3,0 -
Total	
ETAPA 3 – SUSTENTAÇÃO PERANTE A BANCA = 10,0 pontos	
Compreendeu e respondeu objetivamente as arguições	0,0 a 5,0
Demonstrou capacidade de argumentação	0,0 a 5,0
Total	

ASSINATURA DO EXAMINADOR/ORIENTADOR

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA
FICHA DOS EXAMINADORES

1- INSTRUÇÕES PARA A AVALIAÇÃO:

A avaliação do trabalho seguirá os critérios conforme as tabelas abaixo:

APROVAÇÃO	IGUAL OU SUPERIOR A 6,0
APROVAÇÃO MEDIANTE REFORMULAÇÕES	DE 6,0 A 5,0
REPROVAÇÃO	IGUAL OU INFERIOR A 4,9

2- ETAPAS PARA AVALIAÇÃO:

ETAPA 1 - PRODUÇÃO TEXTUAL= 10,0		
ESTA NOTA SERÁ DADA PELOS DOIS PROFESSORES QUE COMPÕE A BANCA		
O título está relacionado com a idéia principal.	0,0 a 1,0	
A introdução é clara e articulada ao trabalho	0,0 a 1,0	
A apresentação do problema/questão e dos objetivos da pesquisa estão explicitados	0,0 a 1,0	
Ortografia, concordância verbal e estruturação de frases	0,0 a 1,0	
A fundamentação teórica é coerente e suficiente para o tema	0,0 a 1,0	
A apresentação do texto e as citações estão conforme as normas da ABNT e a bibliografia citada consta das referências	0,0 a 1,0	
A BIBLIOGRAFIA É ABRANGENTE, ATUALIZADA, ACADEMICAMENTE, QUALIFICADA	0,0 a 1,0	
A metodologia utilizada está explicitada e apropriada para a abordagem do problema	0,0 a 1,0	
A conclusão é coerente com os objetivos	0,0 a 1,0	
Apresenta autoria, sugestões e propostas	0,0 a 1,0	
		TOTAL
ETAPA 2 - APRESENTAÇÃO ORAL = 10,0 pontos		
Argumentou de forma clara e objetiva	0,0 a 3,0 -	
Apresentou domínio do tema e capacidade de síntese	0,0 a 4,0 -	
Apresentou coerência com o trabalho escrito	0,0 a 3,0 -	
		TOTAL
ETAPA 3 – SUSTENTAÇÃO PERANTE A BANCA = 10,0 pontos		
Compreendeu e respondeu objetivamente as arguições	0,0 a 5,0	
Demonstrou capacidade de argumentação	0,0 a 5,0	
		TOTAL

ASSINATURA DO EXAMINADOR
